

## **MTV Brasil e Rede Manchete: arqueologia das mídias e construtos online da memória televisiva brasileira<sup>1</sup>**

Angela Beatriz ROVEDA<sup>2</sup>

Prof. Dr. Gustavo Daudt FISCHER<sup>3</sup>

Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS, São Leopoldo, RS

### **RESUMO**

A memória do audiovisual brasileiro é um desafio para quem se interessa pela sua preservação. Principalmente, quando consideramos os formatos em que as imagens da memória audiovisual surgem atualizadas em novos ambientes online. No Brasil, a memória televisiva em especial sofre com situações referentes à sua preservação, como no caso da Music Television Brasil, a MTV Brasil. A emissora teve sua última transmissão em 2013. Seu acervo de mais de 40 mil fitas betacam permaneceu por sete anos no prédio da antiga emissora e ainda permanece em um limbo jurídico. O acervo da TV Manchete passa por uma situação similar. Após sua extinção em 1999, seu acervo foi a leilão, porém, com diversas questões relacionadas aos direitos autorais e de exibição, não encontrou nenhum comprador. Em ambos os casos, é possível se identificar uma mobilização de fãs e colecionadores para que esse material seja digitalizado e disponibilizado ao público, dada sua importância para a história da televisão. Contudo, apesar de plataformas como o YouTube e o Instagram serem o caminho mais evidente para o compartilhamento desse material, não pode ser entendida como a única solução. Segundo Giselle Beiguelman (2014), devido ao rápido sucateamento de tecnologias, esse tipo de solução acaba sendo apenas provisório e paliativo, criando o mesmo problema que se propõe a resolver. Afinal, são empresas de tecnologia e plataformas proprietárias com fins lucrativos, reféns da possibilidade de descontinuação e consequente apagamento de dados, caso ocorra um grande êxodo de seus usuários e patrocinadores – como casos do Orkut, Yahoo Respostas, MySpace, Geocities, entre outros. Mesmo que o acesso a estes acervos ainda não seja possível, diferentes iniciativas produzem construções próprias de

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na IJ 4 – Comunicação Audiovisual do XXII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 8 a 10 de junho de 2023.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação 7º. semestre do Curso de Realização Audiovisual da Unisinos, email: [angela.roveda@gmail.com](mailto:angela.roveda@gmail.com)

<sup>3</sup> Orientador do trabalho. Professor dos Cursos de Publicidade e Propaganda, de Comunicação Digital e do PPG em Comunicação, da Unisinos. Graduado em Publicidade e Propaganda pela UFRGS, com mestrado e doutorado em Ciências da Comunicação pela Unisinos. É um dos líderes do grupo de pesquisa Audiovisualidades e Tecnocultura: comunicação, memória e design (TCAV). Email: [gfisher@unisinos.br](mailto:gfisher@unisinos.br).

preservação e circulação, que aparecem em diferentes canais do YouTube e perfis do Instagram, sem a integridade audiovisual que se conseguiria através do material original, mas com suas próprias marcas de audiovisuais das mídias no material coletado, criando outras formas de lembrança da televisão brasileira. Dessa forma, o objetivo da seguinte pesquisa é, a partir da cartografia de iniciativas de preservação menos ortodoxas, discutir e compreender de que forma a memória audiovisual televisiva, em especial a da MTV Brasil e da Rede Manchete, se apresenta em ambientes online, para que se possa entender: a) a criação, formação e declínio de ambas as emissoras, suas diferenças e similaridades em suas estruturas, processos criativos e objetivos; b) que tipo de construção de memória é esse: fragmentado, com diferentes características técnicas que revelam diferentes temporalidades das emissoras e da técnica, marcas, alterações e intervenções na imagem para a nova plataforma, entre outros; c) o conceito e o movimento de plataformização, desafios da digitalização de acervos televisivos brasileiros e a preservação de mídias audiovisuais. A metodologia da presente pesquisa é baseada na arqueologia das mídias, ou seja, na “escavação” e catalogação, pelas quais se torna possível perceber enunciações de memória presentes nas imagens coletadas, construindo uma cartografia própria. Dessa forma, essas coleções de vídeos e imagens se tornam um catálogo em que se pode perceber o deslocamento entre aquilo que existia em um habitat específico e agora aparece feito imagem-lembrança (FISCHER, 2015). Segundo Huhtamo (apud FISCHER, 2013), uma abordagem arqueológica da mídia visa: a) estudos dos elementos ciclicamente recorrentes e os motivos subjacentes que orientam o desenvolvimento da cultura da mídia; b) “escavação” das maneiras pelas quais essas tradições e formulações discursivas foram “impressas” em máquinas e sistemas de mídia em diferentes contextos históricos, contribuindo com sua identidade (social e ideologicamente), com ênfase no desenvolvimento cíclico, na recorrência ao invés da inovação, no equilíbrio do desenvolvimento tecnológico, colocando-o dentro de um quadro social e cultural mais amplo e multifacetado de referência. Ainda mais, de acordo com Huhtamo e Parikka (apud FISCHER, 2015), a arqueologia das mídias vasculha arquivos textuais, visuais e sonoros, como uma coleção de artefatos que enfatiza tanto as manifestações discursivas como materiais da cultura. Para Fischer (2015), esses materiais empíricos não seriam meras instâncias de conservação de um passado fixo, mas ocorrências nas quais se podem cartografar audiovisuais que acabam soterradas

pelas discontinuidades de tecnologias ou mesmo da “mania digitalizadora”. Ao lidar com essas “escavações”, deparamo-nos com memórias. Segundo Suzana Kilpp (2014), no Brasil, a televisão é vista como um respaldo da memória do país, contudo, também muito se fala sobre o brasileiro ser um povo que esquece o passado e que o próprio poder público é relapso em relação ao patrimônio histórico do país. A tevê brasileira, já nos anos 1970, passa a consolidar um discurso televisivo sobre memória e identidade nacional – uma brasilidade televisiva. Principalmente, pela transmissão de acontecimentos ao vivo, campanhas publicitárias (inclusive do Governo Federal) e slogans que corroboraram com a construção da identidade nacional. Emissoras de televisão são cessionárias de canais públicos, porém, as imagens televisionadas permanecem sob sua tutela, mesmo que já publicizadas. O poder público não se envolve na tentativa de disponibilizar ao público as imagens produzidas por quaisquer emissoras (KILPP, 2014), questão que dificulta o processo de armazenamento, conservação, preservação e acesso de acervos como o da MTV Brasil e da Rede Manchete, mas também de outras emissoras já extintas. Devido à dificuldade (ou a impossibilidade) de acesso aos acervos da MTV Brasil e da Rede Manchete, diversos usuários do YouTube e do Instagram criaram iniciativas de digitalizar e publicar vídeos e gravações amadoras dessas emissoras. De acordo com Poell, Nieborg e Van Dijck, plataformas são: “infraestruturas digitais (re)programáveis que facilitam e moldam interações personalizadas entre usuários finais e complementadores, organizadas por meio de coleta sistemática, processamento algorítmico, monetização e circulação de dados” (2020, p. 4). Já a plataformização pode ser definida como “a penetração de infraestruturas, processos econômicos e estruturas governamentais de plataformas em diferentes setores econômicos e esferas da vida. E, a partir da tradição dos estudos culturais, concebemos esse processo como a reorganização de práticas e imaginações culturais em torno de plataformas” (POELL, NIEBORG, VAN DIJCK, 2020, p. 5). Constata-se, então, a dependência da própria plataforma, já que, caso ocorra um grande êxodo de usuários e anunciantes, ela provavelmente chegará ao seu fim, juntamente com seus dados, páginas, imagens e vídeos (POELL, NIEBORG, VAN DIJCK, 2020). Para Giselle Beigueilman (2014) ainda afirma que memórias pessoais e coletivas, públicas e privadas, estão, hoje, nas mãos de empresas, que acabam servindo como um grande repositório de imagens, textos, áudios e vídeos. Todo esse material, como já mencionado anteriormente, pode ser descontinuado caso deixe de ser lucrativo. Apesar de já se existir

dispositivo legal que trata sobre diretrizes curriculares para o ensino e fomento à preservação e restauração de acervos audiovisuais nos cursos de Audiovisual e de Cinema, somente 8 de 42 graduações brasileiras oferecem disciplinas obrigatórias sobre o assunto (MENEZES, 2020). Ou seja, existe uma grande dificuldade na própria estrutura acadêmica, além de falta de recursos e escassez de profissionais capacitados. Maria Inês Aisengart Menezes cita as principais dificuldades do atual momento: a própria preservação do material audiovisual (película e magnético), o escopo do material a ser coletado, a complexidade do digital, a formação de profissionais, a regulamentação da profissão, a ausência de políticas e a necessidade de descentralização de recursos voltados à preservação. Percebe-se que a memória televisiva brasileira está diretamente ligada à construção da memória coletiva e de acontecimentos históricos do país. Nesse sentido, os acervos de emissoras extintas como a MTV Brasil e a Rede Manchete são elementos importantíssimos não só pelo seu valor cultural de suas imagens, mas também pela própria marca física da evolução tecnológica presente nessas imagens. Ademais, pode se pensar essas materialidades midiáticas através de suas técnicas e estéticas, como substâncias da cultura, entendendo cultura como os usos e apropriações praticados pelas mídias e pelos próprios espectadores, que emergem como protagonistas. É por meio do material coletado (trechos de programas, vinhetas, chamadas etc.) que, por enquanto, é possível acessar esse pedaço da memória televisiva brasileira. É importante mencionar que as marcas presentes nessas imagens, sejam elas feitas pelos próprios usuários ou pelo dispositivo, são em si mesmas passíveis de análise. Contudo, mesmo que exista esse movimento de digitalização e difusão desses vídeos por parte dos colecionadores, é necessário que ocorra a digitalização, preservação e eventual restauração desses acervos, já que o público possui o direito de mirada dessas imagens que, apesar de serem responsabilidade de iniciativas privadas, fazem parte do patrimônio cultural nacional. Esse movimento de preservação deve ser fortalecido, principalmente, pelo Estado, porém visando parcerias com a iniciativa privada e descentralização de verba, bem como o fomento ao estudo da preservação e restauração do audiovisual.

**PALAVRAS-CHAVE:** MTV Brasil; Rede Manchete; arqueologia das mídias; plataformização; preservação audiovisual.

**REFERÊNCIAS:**

- ACONTECEU virou Manchete. Direção: Fernando Borges. 2013. Disponível em: <https://youtu.be/M2yIBXhEbfQ>. Acesso em: 20 jun. 2022.
- BERTÃO FILHO, Italo. O encalhe de *Pantanal* e *Dona Beija*. **Piauí**, São Paulo, 11 jun. 2021. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/o-encalhe-de-pantanal-e-dona-beija/>. Acesso em: 24 mai. 2022.
- COMO SINTONIZAR a MTV Brasil (1990) [S. l.: s. n.], 2018. 1 vídeo (53 segs.). Publicado pelo canal Arquivo Markezini. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0D76pxLSTms>. Acesso em: 22 jun. 2022.
- DA REDAÇÃO. **RD1**, 7 jul. 2020. Disponível em: <https://rd1.com.br/acervo-da-mtv-brasil-deixa-sede-apos-sete-anos-do-fim-da-emissora/>. Acesso em: 10 jun. 2022.
- EDIÇÃO DA Tarde – 1996 – Elisa Mendes [S. l.: s. n.], 2018. 1 vídeo (1 min, 19 segs.). Publicado pelo canal Rede Manchete de Televisão. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=eVz8qemj8xc>. Acesso em: 22 jun. 2022.
- FERRAZ, Thaís. Nos arquivos da ‘antiga MTV’. **Estadão**, São Paulo, 6 set. 2019. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/infograficos/cultura,nos-arquivos-da-antiga-mtv,1032214>. Acesso em: 14 mai. 2022.
- FISCHER, Gustavo D. Do audiovisual confinado às audiovisualidades soterradas em interfaces enunciativas de memória. In: KILPP, Suzana (org.) **Tecnocultura audiovisual: Temas, metodologia e questões de pesquisa**. Porto Alegre: Sulina, 2015.
- FISCHER, Gustavo D. Tecnocultura: aproximações conceituais e pistas para pensar as audiovisualidades. In: FISCHER, Gustavo D.; KILPP, Suzana (org.) **Para entender as imagens: como ver o que nos olha?** Porto Alegre: Entremeios, 2013.
- FRANCFORT, Elmo. **Rede Manchete: aconteceu, virou história**. São Paulo: Imprensa Oficial, 2008.
- INTERNET ARCHIVE. **About the Internet Archive**. Disponível em: <https://archive.org/about/>. Acesso em: 11 jun. 2022.
- KILPP, Suzana. Acontecimento, memória e televisão. **Contracampo**: UFF, Rio de Janeiro, v. 13, 2005.
- KILPP, Suzana. Devires audiovisuais da televisão. In: SILVA, A. R.; ROSSINI, Miriam S. (org.) **Do audiovisual às audiovisualidades. Convergência e dispersão nas mídias**. Porto Alegre: Asterisco, 2009, v.1, p. 103-134.
- LIMPEZA DE IMAGENS. In: WIKIPEDIA: the free encyclopedia. [San Francisco, CA: Wikimedia Foundation, 2010]. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Limpeza\\_de\\_imagens](https://pt.wikipedia.org/wiki/Limpeza_de_imagens). Acesso em: 22 mai. 2022.
- MENEZES, Maria Inês Aisengart. Cultura digital, a cadeia produtiva e o patrimônio audiovisual. In: **XVIII SEMANA DA IMAGEM NA COMUNICAÇÃO**, 2020, São Leopoldo. Disponível em: <https://youtu.be/wsMZW2vxfEs>. Acesso em: 10 mai. 2022.
- MTV BRASIL fora do ar – Vinhetas (2000) [S. l.: s. n.], 2017. 1 vídeo (1 min, 26 segs.). Publicado pelo canal Arquivo Markezini. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Ta9T0GBvIG4>. Acesso em: 22 jun. 2022.
- PRESERVAÇÃO DIGITAL. In: WIKIPEDIA: the free encyclopedia. [San Francisco, CA: Wikimedia Foundation, 2010]. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Preservação\\_digital#No\\_Brasil](https://pt.wikipedia.org/wiki/Preservação_digital#No_Brasil). Acesso em: 22 mai. 2022.